

Apoio da Ucrânia pode duplicar capacidade de transporte do VLS

Salvador Nogueira escreve para a "Folha de SP";

O acordo de cooperação entre Ucrânia e Brasil pode acabar dando impulso reforçado ao projeto de duplicação da capacidade de carga do foguete lançador nacional, o VLS. A afirmação é de Luiz Bevilacqua, presidente da Agência Espacial Brasileira (AEB).

Ele esteve nesta quinta-feira no Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG) da USP, em SP, na primeira de uma série de visitas a universidades para reforçar a integração entre os cientistas dessas instituições e o programa espacial brasileiro.

Bevilacqua diz ter por meta triplicar o orçamento da AEB nos próximos quatro anos. Hoje ele gira em torno de US\$ 40 milhões.

Atualmente, o VLS-1 (primeiro modelo da série) só usa combustível sólido. Até agora dois lançamentos foram realizados, ambos malogrados. Um terceiro está marcado para agosto.

O foguete pode inserir um satélite de até 300 kg numa órbita terrestre baixa (300 km a 700 km de altitude). O programa prevê a criação de um novo modelo, o VLS-2, com capacidade de 600 kg.

Os trabalhos efetivos no VLS-2 só vão começar depois que a primeira versão tiver feito três vôos com sucesso. Quando isso ocorrer, o segredo para expandir a capacidade do foguete será desenvolver tecnologia de combustível líquido -que a Ucrânia domina.

O acordo atual prevê o trabalho conjunto de engenheiros brasileiros e ucranianos na realização das adaptações necessárias ao foguete Cyclone-4 para uso a partir do Centro de Lançamento de Alcântara, no Maranhão.

Bevilacqua aposta que esse trabalho pode ajudar o Brasil a desenvolver a tecnologia de propulsão líquida.

O presidente da AEB também disse que pretende manter todos os projetos em andamento. Isso inclui VLS, programas de satélite, desenvolvimento do centro de Alcântara e participação na ISS (Estação Espacial Internacional).

Entre os dias 16 e 18, representantes brasileiros estiveram nos EUA para discutir os novos termos da participação brasileira no complexo orbital.

"Temos agora uma lista de equipamentos, e poderemos chegar nos americanos e dizer o que podemos fazer e o que não podemos", disse Bevilacqua.
(Folha de SP, 26/6)